

BOLETIM

Nº 16 - SETEMBRO 97

Junta Directiva - Telefones (351 1) 3432454/5/6/7/8/9 - Fax 3432450

LUANDA É JÁ AMANHÃ

É já no próximo mês de Outubro que os Arquitectos Lusófonos se vão encontrar, em Luanda, com o objectivo de encontrar estratégias para a reconstrução da cidade, assunto que no contexto angolano representa uma questão de importância capital para a cidade de uma Nação actualmente perante sérias dificuldades que precisa de as ultrapassar já da forma mais correcta, por forma a não permitir o erguer de novas barreiras ao progresso e ao bem estar das populações.

Para que este sonho se torne realidade a União Angolana de Arquitectos conta com a solidariedade dos colegas do CIALP e eventualmente de outros intervenientes da Cidade que com a sua sabedoria poderão ajudar Angola a encontrar o caminho para o desenvolvimento integrado e harmonioso das suas cidades.

Nesta fase preparatória do evento pensamos já ter resumido o essencial das necessidades materiais e psicológicas para o bom sucesso do "VI Encontro": é grande o entusiasmo dos Arquitectos; a sociedade civil e as autoridades governamentais têm dado o maior apoio para que nada falte aos participantes.

Desta feita aproveito esta oportunidade para destacar o Ministério da Administração do Território, BNA, a Embaixada de Portugal em Angola, a Embaixada do Brasil, a Embaixada de Cabo Verde, a Construtora Abrantina, a Engil, a Arquita, a Maquil que muito têm ajudado na organização do evento.

Por último quero apelar a todos aqueles que de uma forma directa ou indirecta

queiram participar com alguma coisa e ainda não o fizeram para contactarem a U.A.A. Comissão Ad-hoc, telefax 00-244-2-39 48 81.

*António Henriques da Silva, Arqto.
Vice-Presidente do CIALP
Presidente da Un. dos Arq^{ts} Angolanos*

A CONSOLIDAÇÃO DO CONSELHO

Neste período que antecede o Encontro de Luanda, têm os elementos da Junta Directiva do CIALP solicitado ou sido solicitados para inúmeras reuniões protocolares e institucionais, particularmente em Luanda onde decorrerá o Encontro e em Lisboa sede deste Conselho Internacional.

Tais contactos foram facilitados com a vinda a Portugal, embora não num mesmo tempo do Presidente e Vice-Presidente do CIALP, respectivamente os colegas João Honório de Mello Filho e António Henriques da Silva.

Sem ser pretendida qualquer exaustão, houve reuniões ou contactos com o Director de Relações Públicas da Expo 98, Dr. Mendes Moreira, com os Secretário Geral e Secretário Geral Adjunto da UCCLA respectivamente Dr. Manuel Chantre e Comandante Homem de Gouveia, com o Secretário Executivo do CPLP, Dr. Marcolino Moco, assim como com as Embaixadas dos países lusófonos sediados em Lisboa e as Universidades portuguesas onde se lecciona a Arquitectura. É unânime a constatação da importância do Encontro de Luanda, tendo-se manifestado empenhada particularmente a Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa, no apoio a projectos que

Ihe sejam apresentados pelo CIALP. Particularmente aos contactos tidos sobretudo através do Vice-Presidente e do Presidente do CIALP, igualmente passaram pela Sede do Conselho em Lisboa os Delegados da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, respectivamente os Colegas Domingos Gomes e Carlos Hamelberg.

Interessará pois de futuro continuar a dinamizar este Conselho, como atesta a ambiciosa Ordem de Trabalhos para a Assembleia Geral Ordinária proposta pela Junta Directiva, Assembleia esta que decorrerá complementarmente ao Seminário cujo tema, como já variadas vezes tem sido anunciado, é o da "Reconstrução da Cidade - estratégias da Arquitectura e Urbanismo".

Importa consolidar a posição do CIALP no contexto da relação profissional e cultural dos arquitectos lusófonos, com a efectivação de alguns antigos e novos projectos, independentemente da dinamização do Boletim CIALP e da página deste Conselho na Internet, à qual se poderá nesta fase aceder através de www.aap.pt, entrando na rubrica outras páginas.

Será um projecto ambicioso no qual o Encontro de Luanda terá um papel significativo.

*José Silva Carvalho, Arqto.
Secretário-Geral do CIALP*

A CONSTRUÇÃO E A RECONSTRUÇÃO DAS CIDADES

Em meu relatório para a FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo, Brasil, (organismo que financiou a minha ida à Guiné-Bissau), coloquei ao final as seguintes observações:

Em reuniões desta ordem jamais deixa de surgir a discussão sobre quais os caminhos a seguir, uma vez que a construção popular e a tradição, apesar do colonialismo pelo qual passaram, marca profundamente o espaço de vida e seu entorno. Sempre surge a vontade de uma arquitectura de forte corrente nacional. Conciliar o que é a sabedoria popular de séculos e a tradição construtiva que se transmite por

gerações, com a necessidade programática e social dos países que querem participar das benesses da modernidade, constitui a equação crucial que nos desafia.

Este foi o debate final realizado no V Encontro do CIALP em Bissau. De curta duração, porém intenso.

Vejo que a aparente contradição entre o respeito à história cultural dos países que se reerguem em busca da sua emancipação e o bombardeamento das benesses oferecidas pelas riquezas disponíveis em certas partes do planeta, alimenta o tema deste VI CIALP em Luanda.

Sendo uma organização nova este CONSELHO requer grande empenho dos nossos países, tanto na participação quanto na troca de experiências (e não, como erroneamente foi apresentado na pauta, o desejo de estágios). Não fosse só pela permanente necessidade de defesa da qualidade do espaço cultural de cada um dos países membros, como salvaguarda de sua possível descaracterização e referências a conservar (hábitos, usos e costumes), mas também pelo facto de ser o CIALP um micro-universo, abrangendo países da América do Sul, Europa, Ásia e África.

Troca de experiências significa a formação de equipas de trabalho, resolvendo problemas concretos, alternativamente primeiro num país, com aquitectos locais e de outro país membro e depois em outro, sempre com o mesmo objectivo. Todos os membros das equipas se beneficiariam pela diversidade de problemas a enfrentar. É dinâmico e não estático como o estágio.

Da consciência do particular e do geral, como troca de experiências do arte-fazer arquitectura e do desenho urbano, surgirão as soluções e a linguagem a ser empregada em cada situação e em cada sítio. Aprender o Universal sem perder a individualidade, pois precisamos do colectivo para nos individualizarmos.

O que fazer? Como fazer?

Fazendo. Ainda o velho erro e acerto faz o mundo se mover.

Abrahão Sanovicz, Arqº